

Do Encantado encantado ao Brasil desencantado: crônica de uma desesperança

RENATO NUNES BITTENCOURT*

Resumo:

O artigo aborda o filme dirigido por Filipe Galvón, **Encantado, Brasil em desencanto**, em suas interfaces poéticas, filosóficas e políticas, debatendo sobre a degradação de nossa vivência política a partir da hegemonia do espectro da extrema-direita e sua política institucionalmente destrutiva.

Palavras-chave: Democracia; Cidade; Decadência; Ódio Político.

**From Encantado enchanted to disenchanted Brazil:
chronicle of a hopelessness**

Abstract:

The article approaches the film directed by Filipe Galvón, *Encantado*, Brasil em desencanto in its poetic, philosophical and political interfaces, debating about the degradation of our political experience from the hegemony of the spectrum of the extreme right and its institutionally destructive policy.

Key words: Democracy; City; Decadence; Political Hatred.



* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ.



Prólogo

12 de Dezembro de 2022, noite calorenta na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Estamos no fim da primavera, mas o verão abrasador já apresenta o seu prenúncio dos 40 graus que cozinharão os corpos e as almas dos seus habitantes.

Para essa data temos a exibição em renomado cinema do bairro de Botafogo do filme **Encantado, Brasil em desencanto**, do cineasta-poeta Filipe Galvón, amigo de longa data desde os tempos de adolescência vividos no antigo ensino médio do extinto Colégio Gama Filho, instituição falida que nos seus estertores passou por diversas vicissitudes decorrentes de uma série de más ações corporativas. Oportunidade de reencontrar o querido amigo após anos e se desconectar por algumas horas das contingências da vida administrativa e dos seus vícios oportunistas. Admiradores e familiares de Filipe Galvón prestigiam o evento. Dia de celebração do cinema, da vida e da democracia, apesar de tudo. O filme é um retrato duro do Brasil.

Encantado

Encantado, bairro da Zona Norte da sagrada/profana cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Dito bairro de passagem escondido entre Engenho de Dentro e Piedade e talvez por isso menos pretencioso do que os seus vizinhos que são um pouco mais famosos. O Rio Faria cruza o bairro e seu nome decorre de uma lenda longínqua segundo a qual um charreteiro em priscas eras adentrou nas suas outrora límpidas águas e desapareceu, isto é, encantou-se. Vemos assim que há uma aura mística em torno do bairro, o que é uma poderosa qualidade contra o caráter monolítico da sociedade administrada. Tal como dito por Artaud, “A vida mantém sua continuidade pela transformação das aparências do ser” (ARTAUD, 2021, p. 73).

Encantado é o início da trajetória de Filipe Galvón em sua abertura para o mundo e todos os encontros, bons ou ruins, de sua existência. Encantado, bairro cinzento de poucas praças e nenhum bosque frondoso, mas que nem por isso é menos dotado de vitalidade. Sambas, bancas de jogo do bicho e

pequenos bares aninam a sua vida cotidiana. Encantado, bairro de comércio local e profundas relações comunitárias desprovidas do caráter blasé dos esnobes. Conforme a sabedoria trágica de João do Rio,

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa de seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiras e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas (JOÃO DO RIO, 2011, p. 30).

No Encantado encontramos típicos botecos suburbanos que apresentam o onipresente ovo rosa que tanto calibra o organismo que mergulha nos excessos etílicos sem qualquer pudor moral. Encantado, bairro cortado pela Linha Amarela que se conecta com outras zonas da Cidade Maravilhosa e pela via férrea ainda que nele não exista estação, impedindo assim a fixação de seu nome no palavrado carioca. Tudo é mais fácil quando uma estação de trem traz o nome do bairro. Madureira, grande rainha suburbana, é conhecida no mundo inteiro por suas escolas de samba. Encantado certamente não. A contingência do planejamento urbano nem mesmo legou para o Encantado uma estação de trem.

Encantado e seus vizinhos integram o outrora denominado “Subúrbio da Central” [do Brasil]. A palavra subúrbio não pode ser compreendida de maneira pejorativa como uma região carente de serviços públicos, um rincão afastado dos olhos plutocratas. O subúrbio é uma zona pulsante de vida, zona de corpos

laborais, zona de pessoas singulares e locais que estão enraizados na memória coletiva do bairro, e cada bairro possui sua historicidade, seus códigos, suas potencialidades, seus becos, suas lascívia, suas luxúrias e seus segredos. Quando nascemos e desenvolvemos nossa consciência social em um determinado bairro, este se torna como que unificado em nossa alma, não pode ser retirado de nossas entranhas, mesmo que nos tornemos depois cosmopolitas: “A rua pode tornar-se um espaço habitado? Sim, desde quando se tornar um espaço para celebração” (MERTON, 2004, p. 57).

Filipe Galvón é um cidadão do mundo, mas traz em seu âmago a vivência histórica de um lugar de acolhimento que nem todos conhecem. Com efeito, qual carioca conhece adequadamente todos os bairros da cidade? Até mesmo o cantado trajeto do Leme ao Pontal não foi empreendido pela grande maioria de nosso povo. O bairro do Encantado é um casulo que resiste ao anonimato da selva de pedra do capitalismo ultraliberal e sua tecnocracia voraz. Tal como argumenta Beatriz Sarlo, “A cidade apresenta uma proliferação de signos de naturezas opostas que se associam, competem, se anulam ou entram em conflito” (SARLO, 2014, p. 17).

Em uma linguagem mais requintada, quando conhecemos alguém falamos “Encantado”. Palavra poderosa, pois evoca uma grande carga ontológica em sua pluralidade de significações. Quando um ser morre, ele se encanta, tal é a consciência holística da existência. Tudo está vivo, tudo está rodeado de deuses e de seres ocultos invisíveis aos olhos calculistas, tudo está encantado. Nem tudo será revelado ao vulgo que só se preocupa com as questões prosaicas, importantes, obviamente, mas que não são as únicas demandas da vida

cosmológica. Precisamos enxergar além das aparências da limitada racionalidade instrumental. No fundo não existe o vazio. Para Luiz Antonio Simas “O encantado é aquele que se transformou, tomou outra feição, nova maneira de ser, encantou-se em uma nova forma de vida, numa planta, num peixe, num animal, no vento, na folha, num rio” (SIMAS, 2020, p. 162). O desencantamento do mundo é o processo de nossa Modernidade caracterizado pela racionalização das formas de vida, inclusive na própria religiosidade. Nada de intervenções sobrenaturais, nada de qualquer possibilidade de a vontade humana obter favores especiais dos poderes divinos. Talvez apenas os credos frios consigam sustentar essa doutrina. No caldeirão cultural brasileiro, o encantamento é absoluto.

Filipe Galvón, Francisco Cota, Leonardo Gandolfi, eu e muitos outros somos filhos de uma época nas quais as relações humanas eram desprovidas de redes sociais, aplicativos e mesmo os onipresentes aparelhos celulares. O maior conectivo entre as pessoas era o telefone doméstico ou o mítico orelhão. A cibercultura não havia ainda demonstrado seu ambivalente poder na integração planetária. Quem viveu por muitos anos em bairros pequenos aprende a resolver suas pendências no cara a cara, olho no olho, sem necessariamente ser olho por olho, dente por dente. Queremos acima de tudo paz, tranquilidade e bem viver. Celebrar a arte, o conhecimento, os amores, a vida, o futebol, o carnaval, não necessariamente nessa ordem, que não importa muito, obviamente. A vida suburbana é uma vida autêntica.

O Brasil desencantado

Somos herdeiros de um Brasil que não superou as feridas de uma odiosa Ditadura Militar. Nossas infâncias se

iniciaram na transição de uma governança autoritária para um incompleto processo de redemocratização nacional. Com efeito, trazemos ainda as marcas indelévels da escravidão e do racismo estrutural, trazemos o legado de sangue da desigualdade social, do machismo e da promiscuidade entre as organizações eclesásticas e o poder civil. Proclamamos a república, mas sequer reconhecemos a dignidade soberana da coisa pública. Nosso *establishment* democrático é ainda imaturo e vive sob as ameaças disruptivas de golpistas. O Brasil País do Futuro, terra que acolhe a todos fraternalmente tal como a esperança messiânica depositada em nós, ainda não se efetivou.

Estamos assim no Brasil Desencantado, um Brasil nu e cru que, perante o incipiente processo de inclusão social operada pela governança de Lula e de Dilma Rousseff em felizes anos nos quais vivíamos com um projeto de país do progresso sustentável e da esperança pelo melhor sofreu os sórdidos ataques de uma elite do atraso insatisfeita com as mais esquálidas tentativas de mudança social. **Encantando, Brasil em desencanto**, é um resumo da história política do Brasil em seu descompasso antidemocrático, e esse é um dos grandes méritos cinematográficos de Filipe Galvón, trazer para o debate o descaminho que seguimos ao preferirmos o irracionalismo, a necrofilia, a consolidação da teocracia política, militarização social, a naturalização da desigualdade econômica e outras mazelas análogas em detrimento da substancialidade democrática. Para fortalecer o debate acerca da degradação institucional da triste república brasileira, Filipe Galvón evoca as reminiscências de moradores históricos do bairro do Encantado, assim como recebe as contribuições

intelectuais através das falas de Alain Badiou, Vladimir Safatle, Marcia Tiburi, Fernando Haddad, Jandira Feghali, Ciro Gomes, Gregório Duvivier, Guilherme Boulos, Jean Wyllys, sem esquecermos da luminosa participação de Dilma Rousseff, presidenta injustiçada pelo ardiloso processo golpista que jogou o cenário sociopolítico brasileiro no caos fascistóide, mas trataremos melhor desse mal posteriormente.

A plutocracia, canalha e autocentrada, abomina qualquer governança comprometida com a democracia econômica e invoca o fantasma do comunismo. Temos, não obstante, um fascismo redivivo bem real, inapelável, adornado com as cores do verde e amarelo que escamoteiam em nossa bandeira pátria o sofrimento multitudinário das massas oprimidas, massas sem direito ao existir pleno, massas anônimas que não são economicamente viáveis e que só servem de repasto ao dispor da sociopatia contumaz das elites. Os idiotas direitistas consideram a governança petista como “comunista”, quando na realidade tivemos um arranjo conciliatório envolvendo concepções social-desenvolvimentistas, reformas liberais em alguns setores estruturais da coisa pública e pragmáticas articulações políticas em nome da governabilidade. Tudo muito distante de qualquer verve revolucionária marxista-leninista. No entanto, essa proposta concertante sempre foi apresentada e não haveria motivos para decepções radicais. A grande meta petista consistia em favorecer a satisfação máxima de interesses para os mais diversos segmentos sociais, proporcionando para a base de nossa pirâmide medidas distributivas de renda que, apesar de não combaterem as mazelas do capitalismo neoliberal, ao menos proporcionavam condições de consumo para as classes

mais desfavorecidas. Conforme argumenta Leonardo Boff,

O caráter claramente republicano da democracia vai além da neoliberal e privatista. Em outras palavras o bem comum deve ganhar centralidade, e somente em seguida o bem privado. Isso se concretiza por políticas sociais que atendam às demandas mais gerais da população a partir das necessidades e deixados para trás (BOFF, 2018, p. 127-128).

Tínhamos assim a inclusão social pelo consumo, algo muito benquisto pela lógica do mercado e que, aparentemente, mantinha a harmonia social com a satisfação razoável das classes, ainda que alguns segmentos autocentrados sempre vilipendiassem qualquer possibilidade de ascensão social das massas. Apesar das crises globais, o Brasil conseguiu se manter firme diante dos tremores econômicos que devastavam diversos países de nosso mundo, aumentando ainda mais nossa confiança em relação ao porvir. Some-se ainda a eleição do país para sediar diversos eventos esportivos colossais (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos) que atraíram investimentos de grande porte e gerariam empregos em diversos setores estruturais. Para manter a boa ordenança social perante as necessárias transformações logísticas da sociedade brasileira tornaram-se imprescindíveis mudanças na tática de segurança pública para enfrentamento do crime organizado entranhado em nossas bases sociais. Com efeito, nos grandes centros financeiros estão os maiores crápulas que tanto espoliam a coisa pública brasileira.

Em 2013 ocorreram as ambivalentes revoltas populares que, inicialmente questionando o aumento da tarifa de ônibus, se transformou em um difuso movimento de contestação do status quo político mediante a crise da ideia de

representação. Que saiam todos, assim proclamava a multidão nas ruas. Queremos hospitais e escolas no padrão Fifa, assim clamava com coerência alguns nichos dessa grande mobilização, demanda ironizada por um célebre ex-jogador de futebol que disse cinicamente que não se faz Copa do Mundo com escolas e hospitais. Essas multidões clamavam por mais potência política e uma democracia liberta das concordatas dos parlamentares oportunistas. E eis então que setores da direita conservadora e moralista se apropriaram das pautas reivindicatórias, conclamando pelo fim da corrupção, associada ao pretenso fisiologismo petista. Para a direita xucra verde-amarela, a corrupção só existe nos partidos governistas de esquerda, maniqueísmo barato que colonizou grande parte da mentalidade média da opinião pública, graças ao desserviço informacional proporcionado por grandes conglomerados midiáticos incomodados com os ajustes conciliatórios promovidos pelo petismo.

Em 2014 tivemos a fatídica Copa do Mundo realizada no Brasil com nossa fragorosa derrota para a seleção alemã por 7-1 na semifinal, enterrando nosso sonho de ganharmos o título em casa. Um alento moral diante de tamanha crise institucional talvez tenha aflorado ainda mais os ânimos da patriotada no certame eleitoral desse ano, com a apertada reeleição de Dilma Rousseff contra o disruptivo tucano Aécio Neves, que após o pleito não reconheceu a derrota e conclamou a militância direitista amalgamada no PSDB (completamente alinhado com o neoliberalismo e o reacionarismo social) para contestar a vitória da presidenta petista. Com efeito, o segundo mandato de Dilma Rousseff foi ameaçado desde os seus primeiros dias pela ameaça golpista, infame processo efetivado no triste ano de 2016 graças ao fraudulento artil de Eduardo

Cunha, mergulhado até a medula em esquemas de corrupção contra a administração pública. Através da espúria justificativa de crime de responsabilidade fiscal, a corja golpista que aglutinou em sua malta os animais políticos mais asquerosos conseguiu, em um teatro macabro eivado de misoginia, de apologia do patriotismo pateta, do cristianismo cretinizado e hipócrita, da família cheia de vícios do “cidadão de bem”, do palavreado fascistóide e de saudosismo da herança de sangue da ditadura militar brasileira. Mesmo o sistema judiciário, pretensamente neutro, assumiu um pavoneio militante antipetista, fazendo da controversa Operação Lava Jato um regime de exceção jurídico caracterizado pelo ativismo penal e pelo lawfare. A bravura das forças progressistas não foi o suficiente para barrar o golpe parlamentar. Organizações de extrema-direita como Movimento Brasil Livre e Escola sem Partido ganharam vitrine midiática. Aliados até última hora de Dilma Rousseff voltaram-se contra ela em traiçoeiros procedimentos oportunistas, situação que aumentou ainda mais a justa indignação perante tal descabro usurpador. Michel Temer, eterno vice da presidenta deposta, assumiu o poder e estabeleceu as deformas governamentais em nome da maldita “ponte para o futuro”, isto é, a ponte para o passado, pois seu mandato empoderou violentamente a chusma reacionária que sempre amaldiçoou qualquer mobilização democratizante no Brasil.

O ano de 2018 ficou marcado nos seus primeiros meses pelo assassinato da vereadora carioca Marielle Franco (PSOL), mulher combativa, defensora das mais intensas pautas democráticas. Crime político cujas peças fragmentadas impedem esclarecimentos adequados, mas sabe-se que há participação de

milicianos e políticos de extrema-direita na orquestração do delito. Esse tipo de violência política incompatível com o Estado Democrático de Direito se torna a regra em um país desajustado. Forças obscurantistas das mais diversas religiões, apólogos do militarismo social, empresários sonegadores de impostos camuflados de cordeirinhos defensores do livre-mercado e da honestidade gerencial, agentes públicos conservadores e outros barões-ladrões conquistaram a hegemonia do cenário político brasileiro, favorecendo assim a pavimentação de um caminho niilista, fascista e degenerado para algo ainda muito pior por vir, uma força disruptiva que faria de Michel Temer um homem nobre, comparado com a aberração denominada Jair Bolsonaro, militar terrorista, parlamentar oportunista do baixo clero sustentado por eleitores adeptos da truculência social, cristão de ocasião. Em uma grande conjuntura tenebrosa, Jair Bolsonaro converteu-se na esperança messiânica da direita xucra em estabelecer no Brasil um país regido pelas leis eternas de um Deus de ódio, de mentira, de negação do conhecimento. Figura humana de baixa frequência intelectual, Bolsonaro fez de sua campanha eleitoral um somatório de teorias conspiratórias, mentiras desvaladas e citações moralistas da Bíblia para exortar o fiel eleitor na cruzada contra o “comunismo petista”. O mercado, sempre antissocial e inimigo das organizações trabalhistas, apoiou incondicionalmente o projeto autoritário-fascistóide de Bolsonaro, suporte que lhe auxiliou consideravelmente para obter a vitória eleitoral sobre Fernando Haddad, um político de alto quilate, intelectual de ponta, um expert em economia política e planejamento urbano. Mas as massas eleitorais, manipuladas em seus baixos instintos de medo, ódio e agressividade

não-sublimada, ansiavam por um líder que lhes conduzisse, e assim elegeram o mito personificado que absorve em seu estofo o resumo do esgoto moral brasileiro. Brasil despedaçado, Brasil em desencanto.

As misérias orquestradas por Bolsonaro e seu *modus operandi* disruptivo reinseriram o Brasil no mapa da fome, degradaram as leis trabalhistas, favoreceram incontestavelmente o desmatamento das florestas e o inerente colapso ambiental, interferiram em instituições republicanas que deveriam atuar de maneira independente, promoveram flexibilidade armamentista para militarizar a sociedade, precarizaram os serviços públicos para melhor oprimir a população. Bolsonaro deu voz aos energúmenos detentores do que há de pior na religiosidade de massas. Bolsonaro fez da política um exercício miliciano de preservação do poder. O sonho tenebroso de Bolsonaro consistia em estabelecer um regime ditatorial salvaguardado pelas forças armadas. E claro, não podemos jamais esquecer de seu tosco negacionismo científico que representava, no fundo, a satisfação dos interesses empresariais que não aceitavam perder rentabilidade em decorrência dos desajustes humanitários ocasionados pelos terríveis impactos da pandemia da COVID-19. Estamos diante de um fascismo redivivo e precisamos cortar a cabeça da serpente. Para Rubens Casara,

O fascista age em nome da realização do desejo da audiência enquanto, ao mesmo tempo, o manipula. O discurso fascista é, sobretudo, um discurso publicitário que visa um receptor despreparado e embrutecido (CASARA, 2018, p. 142).

Vivemos assim em um mundo em desencanto, não apenas pelo excesso de positividade e de racionalidade

tecnocrática, antes fosse assim. O mundo em desencanto da horrenda conciliação entre autoritarismo fascista e rentabilidade ultraliberal decorre da concretização da agenda da violência legitimada institucionalmente como instrumento de consolidação de um poder que odeia a esperança, o amor, o diálogo e a solidariedade em nome da lei do mais forte, o mais apto para sobreviver na competição individualizante que referenda a agenda da necropolítica normalizada. E mais do que encantar o mundo, é imprescindível que revolucionemos as suas bases sociopolíticas mediante a reconquista do espírito democrático, que deve encantar e conquistar as consciências das pessoas como a melhor forma de gestão da vida.

O corte de **Encantado, Brasil em desencanto**, se encerra com a vitória eleitoral de Bolsonaro. Os seus crimes políticos na condição de mandatário presidencial contra as instituições brasileiras não foram abordados, o que tornaria o filme de Filipe Galvón uma distopia de terror. Felizmente a máquina de ódio operada por Bolsonaro e seus asseclas foi vencida no pleito eleitoral de 2022 graças ao triunfo eleitoral do Presidente Lula e sua coligação suprapartidária que conjugou diversos espectros políticos pela grande frente democrática. Contudo, jamais poderemos relaxar sob os louros da vitória. Se quisermos continuar vivendo sob uma estruturação democrática precisamos permanecer atentos aos movimentos disruptivos operados pelos elementos fascistóides que odeiam qualquer possibilidade de progressismo social no Brasil.

Considerações finais

Um filme de qualidade se caracteriza por nos fazer pensar e evocar nossas

potencialidades afetivas e intelectuais recônditas. Assistir **Encantado, Brasil em desencanto**, é um exercício saudoso de uma época de inocência em que a esperança do porvir fervilhava nas mentes de uma geração cheia de expectativas por realizar um mundo melhor e que não renunciou o seu sonho de trilhar a carreira que a vocação interior direcionava. A aspereza climática da vida suburbana é atenuada pela sociabilidade saudável e pelos bons encontros. As lembranças tristonhas do desencantamento político do Brasil, ainda que intensas, não são capazes de nos traumatizar e impedir a mobilização pela construção de uma sociedade mais culta, mais próspera, mais feliz, mais bem-realizada, uma sociedade que se permita viver sob o encantamento da alegria.

Referências

- ARTAUD, Antonin. **Mensagens Revolucionárias**. Trad. Mariana Patrício. São Paulo. N-1 edições, 2021.
- BOFF, Leonardo. **Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência?** Petrópolis: Vozes, 2018.
- CASARA, Rubens R. R. **Sociedade sem Lei: pós-democracia, personalidade autoritária, idiotização e barbárie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- JOÃO DO RIO (PAULO BARRETO). **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MERTON, Thomas. **Amor e Vida**. Trad. de Margarida Oliva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SARLO, Beatriz. **A cidade vista**. Trad. de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

Recebido em 2022-12-19
Publicado em 2023-01-01